

O agronegócio é o seguinte

## A curva de aprendizado do agronegócio café

A GROANALYSIS brinde seus leitores com uma edição especial sobre um dos mais tradicionais produtos da agricultura nacional: o café, em comemoração aos 25 anos do Conselho Nacional do Café (CNC). Um produto associado à história do Brasil, em particular no último século. Em torno do café, ciclos de prosperidade e derrocada econômica deixaram suas marcas em diferentes regiões do País.

Cercado de desafios por todos os lados, o café continua a brilhar e a acalantar esperanças. Cada vez mais globalizada, em um caminho sem volta, a *commodity* exige competência e criatividade dos agentes de sua cadeia produtiva. Isto vale tanto para a iniciativa privada como para o governo. O trinômio qualidade, produtividade e organização é a receita da competitividade e da sobrevivência do setor.

Nos últimos 25 anos, o café deu uma importante contribuição para a economia brasileira. Nesse período, o País consolidou-se como maior produtor e exportador da *commodity* e hoje caminha para a liderança no consumo mundial. A produção média brasileira de 1980/81, de 20,3 milhões de sacas, passou para a média de 38 milhões na safra 2004/05, um crescimento de cerca de 70%. Na safra atual, são 41,6 milhões de sacas produzidas e projeção de embarque de 26,5 milhões de sacas para vários cantos do mundo. Em 25 anos, o País aumentou 8,6% a quantidade de café colhida e 66% o volume comercializado com o exterior.

Fundado em 1981, por iniciativa de vários líderes da cafeicultura nacional, o CNC tem se empenhado em defender e promover os interesses dos produtores de “cafés do Brasil”, em consonância com os princípios do desenvolvimento sustentável em suas dimensões econômica, social e ambiental. O CNC congrega agricultores, cooperativas, associações e federações de agriculturas de estados produtores e representa em torno de 40% da produção nacional de café.

Membro do Conselho Deliberativo da Política Cafeeira (CDPC) e da delegação oficial brasileira na Organização

Internacional do Café (OIC), o CNC, por meio de acordos institucionais, trabalha integrado com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e com Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), representando-as em alguns fóruns, como o Rural Brasil.

Como resultado de uma ampla discussão de todos os elos da cadeia produtiva, foi elaborado o Plano Estratégico de Desenvolvimento da Economia Cafeeira (Pedec), com foco em quatro temas, que tem subsidiado a discussão de políticas públicas. Primeiro: qual posição o Brasil terá no mercado mundial e interno nos próximos anos? Qual será o tamanho da nossa produção? Quais são as estratégias que devemos utilizar? Segundo: para melhorar a renda, é preciso ordenar o fluxo de comercialização das safras, caracterizadas pela bienalidade. Os outros dois temas visam a revigorar e dar mais agilidade e flexibilidade ao Funcafé: dotar o fundo de um novo arcabouço legal, além de ampliar a competência e a autonomia do CDPC.

O momento é especial porque todos os indicadores e projeções indicam o crescimento da demanda mundial nos próximos anos. Além disso, há um mercado interno consolidado, que cresce a taxas superiores às do mundo. Vale lembrar ainda que em 2007 iniciam-se novos governos e que uma Comissão Especial da Câmara dos Deputados discute o desempenho do Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC) e do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé). No âmbito internacional, o debate será sobre um novo Acordo Internacional do Café.

A edição destaca ainda a agricultura energética e seu impacto no mercado de grãos. Nas bolsas internacionais, as cotações de cereais e oleaginosas sobem diante do crescimento da demanda de grãos para a produção de biocombustíveis. O reflexo é muito positivo para o agricultor brasileiro, que planta a safra de verão com dólar desvalorizado em relação ao real, ao contrário das últimas safras, e conta com cenário de preços favoráveis para a comercialização. São sinais de tempos melhores.